

**UMA EXPERIÊNCIA DE PRODUÇÃO DE VÍDEOS DE ANIMAÇÃO DE
SOCIOLOGIA: PROPOSTA DE ENSINO DE SOCIOLOGIA NO SÉCULO XXI**

Henrique Fernandes Alves Neto*

Ileizi Luciana Fiorelli Silva**

RESUMO: A partir de 2008, com a obrigatoriedade da disciplina no Ensino Médio, o ensino de Sociologia começa a ganhar espaços e relevância nas universidades. A produção de material didático e o desenvolvimento de metodologias para esta disciplina possui um grande repertório de discussões. A sociedade em rede e a nova ecologia cognitiva, permitem um contato inédito com uma rede sociotécnica de informação descentralizada, pautada em equipamentos eletrônicos de alto processamento de dados, com a instituição escolar organizada para uma sociedade do século XXI. Como observar esse contato e os desafios advindos daí? Este artigo pretende encontrar uma resposta a essa pergunta aplicando os conceitos de figuras do aprender e das relações com os saberes, ambos conceitos de Bernard Charlot, na produção de materiais didáticos audiovisuais de Sociologia. Os vídeos e as imagens são produzidos na estética e lógica de mapas mentais, elaborados a partir da parceria entre discente e docente em um projeto de extensão realizado no Instituto Federal do Paraná – Campus Ivaiporã, disponibilizado na plataforma Youtube.

Palavras-chave: ensino de sociologia; ensino médio; sociologia digital; material didático

141

ABSTRACT: Since 2008, when the discipline has become mandatory in High School, Sociology teaching begins to acquire more space and also relevance in Universities. The production of didactic materials and the development of methodologies in this discipline have a wide range of discussions. The network society and the new cognitive ecology, allows an unprecedented contact between a sociotechnical net of decentralized information ruled by electronic equipment of high data processing, and the school, organized for a society in 21th century. How can we observe this contact and the challenges derived from that? In this article we aim at finding an answer to this question applying the concepts of learning figures and the knowledge relations, both Bernard Charlot concepts, in the production of audiovisual didactic materials of Sociology. The videos and images are produced in the aesthetic and logic of mental maps, elaborated after a partnership between student and teacher in a project of extension accomplished in *Instituto Federal do Paraná - Campus de Ivaiporã* (Federal Institute of Parana - Ivaipora Campus), available in platform Youtube.

Keywords: Sociology teaching; High School; Digital Sociology; Didactic Material

* Licenciado e Bacharelado em Ciências Sociais pela UEL. Mestre em Ciências Sociais pela UEL. Doutorando em Sociologia na UEL. Docente de Sociologia no IFPR – Campus Ivaiporã.

** Professora Associada da UEL. Doutora em Sociologia pela FFLCH-USP (2006). Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq – LENPES. Coordenadora do Observatório da Educação (CAPES - Ciências Sociais da UEL).

Introdução

A sociedade em rede, preconizada por Castells (1999), possibilita novas configurações nas questões econômicas (flexibilização de leis trabalhistas; fortalecimento do capital financeiro; novas modalidades de emprego), nas questões políticas (enfraquecimento das fronteiras nacionais; internacionalização de decisões; novas relações entre local, regional, nacional e internacional), nas questões sociais (sociabilidades individualizadas, formando uma rede de indivíduos particularizados), nas questões comunicacionais (aglomerados de mídia globais e locais simultaneamente; conteúdo digitalizado; consumo autocomandado dos produtos midiáticos) (CASTELLS, 2005) e nas questões educacionais, que é o foco deste artigo.

Está presente no imaginário coletivo que a educação, em geral, passa por transformações profundas na sua ação. A escola, um dos espaços reservados para esse fim, é o *locus* principal dessas mudanças percebidas pelo senso comum. É comum a opinião de que há algum problema com a escola, com a relação professor-aluno, com o processo de ensino e aprendizagem, contudo, as explicações, como é próprio do senso comum, não investigam as relações sociais que possibilitam tal transformação.

Este artigo, portanto, propõe fazer uma breve caracterização teórica sobre a sociedade em rede e seus desdobramentos para o processo de ensino e aprendizagem e apresentar um recurso didático produzido a partir de um projeto de extensão, realizado com a colaboração entre docentes e discentes do Instituto Federal do Paraná (IFPR).

Uma nova ecologia cognitiva

Pierre Lévy em 1990 publica o seu livro *Les Technologies de l'intelligence*. Este livro é traduzido para o português em 1993 pela Editora 34, recebendo o título *As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento da era da informática*. Nesta obra, Lévy resgata o conceito de domínio transcendental de Kant, presente na *Crítica da Razão Pura*. Reformulando-o, ele chega na seguinte definição:

Hoje, ainda que características cognitivas universais sejam reconhecidas para toda a espécie humana, geralmente pensa-se que as formas de conhecer, de pensar, de sentir são grandemente condicionadas pela época, cultura e circunstâncias. Chamaremos de *transcendental histórico* aquilo que estrutura a experiência dos membros de uma determinada coletividade. (LÉVY, 2010; p. 14)

Neste sentido, a sociedade em rede, identificada e nomeada por Manuel Castells (1999), é um novo transcendental histórico que permite uma nova forma de conhecer e de aprender. A partir de 1960, com a emergência de novos paradigmas tecnológicos, principalmente ligados a microeletrônica, comunicação e informação, começa a surgir um novo tipo de organização social intitulada de sociedade em rede. A sociedade em rede, descrita pelo autor, reconfigura as relações sociais, políticas e econômicas. Joga-se luz sobre a condição de rede dessa nova sociedade contudo, Castells (1999) adverte que não reside aí a novidade, afinal, os seres humanos, no passado, já estabeleciam redes para garantir a sociabilidade. O que é novo são as bases nas quais estabelece: a internet, a troca de informações rápidas e os aparelhos tecnológicos microeletrônicos. É a junção destas inovações que constrói e permite o aparecimento da sociedade em rede, que, na sua definição, é

uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microelectrónica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes. (CASTELLS, 1999; p. 20)

Temos na definição acima um elemento essencial: os nós. Para Castells (1999) é a possibilidade de novas conexões entre os nós desta rede que caracteriza esta atual conjuntura. Se antes, havia um único órgão emissor de informação, e o acesso dependia de uma única via, a sociedade em rede multiplica as vias de acesso, bem como os emissores da informação. Os desdobramentos desta nova sociabilidade são encontrados nas relações de trabalho, nas configurações da economia global e local, no formato da comunicação, na essência do Estado Moderno, conforme apresentamos na introdução deste artigo.

A produção do conhecimento científico também foi afetada por essa nova configuração social, as ciências sociais, tomando a base deste artigo como referência, estão ressignificando autores e produzindo novas teorias sob este novo cenário. O retorno a ideia de mônada de Gabriel Tarde é um exemplo do primeiro movimento. No início da consolidação da Sociologia na França, a disputa pelo tom que esta nova disciplina teria foi travada entre dois intelectuais do período: Émile Durkheim e Gabriel Tarde. Este debate foi sintetizado em um artigo da Marcia Consolim (2010), no qual ela descreve os principais pontos de embate e divergência teóricas e metodológicas entre eles. Para este artigo, o que nos interessa é a concepção de mônada tardiana, abandonada no início da consolidação da Sociologia, e

substituída pelo conceito de fatos sociais. Este último, tenta apreender de forma objetiva o comportamento da consciência coletiva materializado em regras, normas, maneiras de ser e agir, que controlam a ação da consciência individual. Neste novo cenário de sociedade em rede, em que as relações entre os nós parecem ser mais relevantes e dinâmicas do que maneiras de ser e agir, faz-se necessário redescobrir a concepção de mônada. Leonardo Pastor (2019) demonstra os ganhos teóricos e analíticos para uma Sociologia Digital que a concepção de um social associativo traz para as reflexões sociológicas. Trazer à tona a concepção de mônada é considerar que

Não há, portanto, uma estrutura preenchida por indivíduos, mas elementos relacionais envolvidos em cada entidade. [...] Para Tarde, mesmo o indivíduo já é uma multidão. Nesse sentido, a unidade sociológica nunca seria o indivíduo, e muito menos uma sociedade totalizante; a sociologia tardiana, portanto, parte das mônadas renovadas – conectivas, plurais e abertas. Radicaliza-se a mônada de Leibniz até o ponto no qual uma descontinuidade última se torne continuidade, até a unicidade da mônada se tornar multiplicidade (PASTOR, 2019, p. 272).

A perspectiva relacional e associativa na construção do social são os pressupostos ressignificados pelo transcendental histórico da atual conjuntura. Já um exemplo para o segundo movimento – criação de novas teorias – é a teoria de Mark Granovetter (1973, 1983), a qual preconiza a existência de laços fracos (*weak ties*) e laços fortes (*strong ties*) nas redes sociais dos indivíduos. A sua tese central gira em torno de dois eixos: a) decisões são tomadas de formas mais consistente a partir dos laços fortes estabelecidos em uma rede; b) os laços fracos são importantes para fazer transitar a inovação na rede. A partir disso, o indivíduo movimenta sua rede de duas maneiras, para lhe assegurar em algumas decisões, e para justificar o surgimento de ideias novas. Relacionando este conceito dos laços fracos e fortes com a sociedade em rede, Dora Kaufman (2012) analisa a força dos laços fracos no ciberespaço, pois, segundo ela, esta nova arquitetura informativa, digital, permitiu um crescimento de redes sociais construídas por laços fracos (p. 209). As redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram) permitem o estabelecimento de novas conexões com pessoas de outros espaços físicos, culturais, políticos, sociais, nos ligando a contextos diversos, mas sempre a partir de laços fracos. O que garante que esse laço fraco mude nosso comportamento, é quanto o capital social reitera ou compartilha de características dos laços fortes do indivíduo (KAUFMAN, 2012).

Em síntese: a sociedade em rede inicia uma ressignificação de instituições tradicionais. Neste ínterim, a ciência também padece deste movimento, e trouxemos dois exemplos de “novidades” teóricas advindas deste novo contexto. Mas o que isso interfere na educação? Voltemos às contribuições de Pierre Lévy (2010). Segundo o autor, a metáfora para melhor descrever a ecologia cognitiva (um ambiente de pensamento que envolve homens e coisas, relaciona singularidades e subjetividades) da sociedade em rede é o hipertexto.

Tecnicamente, o hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequência sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira (LÉVY, 2010; p. 33).

A sociedade em rede se comunica através de hipertextos. Não há linearidade. A informação é transmitida em diversas plataformas, em variados suportes, e percorre caminhos infinitos dentro de certa rede. Há, portanto, um novo tipo de pensamento e de inteligência oriundos deste transcendental histórico. Um pensamento de nova interface, possível existir mediante uma rede sociotécnica de ferramentas, objetos e políticas, que também são técnicas e, portanto, formam tecnopolíticas. Surge uma inteligência de grupo, que ainda não sabemos como funciona, mas observamos o seu crescimento: redes de conversação, de trocas de informações, de produção científica, de construção de memória, de sobrevivência (LÉVY, 2010). Estamos diante de um novo estilo cognitivo, tão importante quanto aquele oriundo da invenção de Gutenberg, da oralidade da Idade Média, chegando ao visual, com a sua generalização possível apenas com os computadores (LÉVY, 2010; p. 99).

Uma resposta ao desafio: Bernard Charlot e as figuras do aprender

Até aqui, realizamos uma caracterização do século XXI, no que diz respeito às novas relações sociais tecidas atualmente. No que tudo isso interfere na educação? Esta foi a pergunta que realizamos informalmente ao discentes do Instituto Federal do Paraná. As conversas em sala de aula nos levaram a algumas pistas: a) o conteúdo passado no quadro se torna desnecessário, uma vez que na internet podemos obter as informações passadas; b) as aulas

expositivas são maçantes; c) a rotina de estudos é substituída por estudos na noite anterior à prova; d) o estudo se resume a ver algumas vídeo-aulas na internet. Novamente, pistas foram obtidas em conversas informais nos corredores e durante as aulas de Sociologia. Imbuído por essas reflexões, surge a ideia de produzir materiais audiovisuais de Sociologia para o Youtube, uma das plataformas mais utilizadas por brasileiros, segundo relatório Reuters Institute Digital News Report (2019). Para tanto, foi necessário resgatar as ideias de Bernard Charlot (2000) e sua teoria sobre as relações com os saberes pode ajudar na resposta destes questionamentos. Partindo do pressuposto que a expressão *fracasso escolar* é uma noção-encruzilhada, ou seja, funciona mais como um atrativo ideológico do que cumpre uma função analítica, Charlot dá uma guinada para outro caminho, distinto daquele tomado pela Sociologia dos anos de 1960 e 1970, principalmente na França – e claro, diferente do caminho percorrido por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (2014) em *A reprodução*.

Para ele, não existe o fracasso escolar, mas sim situações de fracasso escolar. Isso significa dizer que o fracasso escolar não é uma condição fixa na qual pode-se enquadrar os indivíduos. Deste modo, devemos

Procurar compreender o fracasso como uma situação que advém durante uma história é considerar que todo o indivíduo é *um sujeito*, por mais dominado que seja. Um sujeito que interpreta o mundo, resiste à dominação, afirma positivamente seus desejos e interesses, procura transformar a ordem do mundo em seu próprio proveito. (CHARLOT, 2000; p. 31)

Um dos resultados dessa nova perspectiva sobre o fracasso é a compreensão de que os estudantes são sujeitos dessa situação. Outro aspecto importante é a tese central de sua obra: da relação com os saberes. Como ele mesmo afirma: relação com o saber é uma forma de relação com o mundo. O pesquisador que está interessado em estudar essas relações deve estar atento às diversas dimensões contidas no processo do aprender e do saber: relações com lugares, pessoas, objetos, conteúdo, normas, situações (CHARLOT, 2000; p. 79). Assim, uma situação de fracasso escolar deve ser percebida em suas diversas relações possíveis, e o trabalho do pesquisador é compreender como essas relações conduziram o sujeito à determinada condição. Em outras palavras:

A relação com o saber é o conjunto de relações que um sujeito mantém com um objeto, um “conteúdo de pensamento”, uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma ocasião, uma obrigação, etc., ligados de uma certa maneira com o aprender e o saber; e, por isso mesmo, é também relação com a linguagem, relação com o tempo, relação

com a ação no mundo e sobre o mundo, relação com os outros e relação consigo mesmo enquanto mais ou menos capaz de aprender tal coisa, em tal situação (CHARLOT, 2000; p. 81).

Para compreender essas situações e suas relações com os saberes, Charlot (2000) apresenta um conjunto de quatro figuras do aprender que são essenciais para a nossa discussão. São elas: a) objetos-saberes, objetos nos quais os saberes estão incorporados; b) objetos com uso aprendido; c) atividades a serem dominadas; e d) dispositivos e formas relacionais. Estas figuras são as que mediam o processo de aprender. Se há uma relação com o saber, e essa relação deve ser percebida nas dimensões acima descritas, ela também passa pelos tipos de figuras do aprender as quais o estudante está em contato.

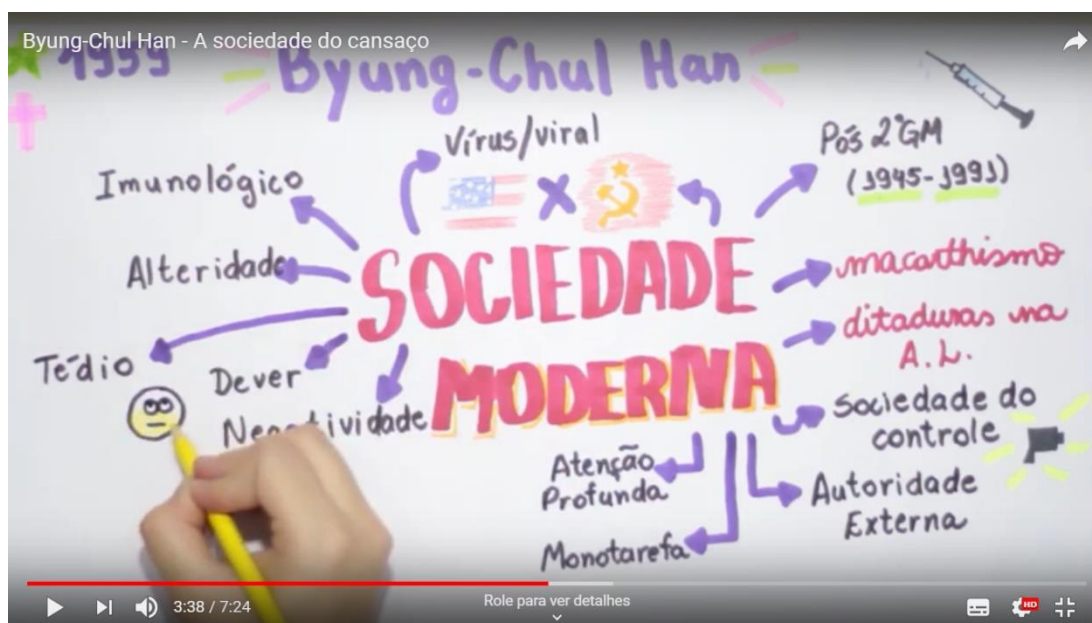
Com isso, podemos apresentar o projeto de extensão que possibilita a construção dos materiais didáticos que construímos, pois eles são entendidos por nós como figuras de aprender.

A maioria do corpo docente do IFPR possui um contrato de quarenta horas semanais, além de contarem com a dedicação exclusiva. Os docentes, portanto, estão inteiramente à disposição do campus no qual estão lotados, para realizar atividades de ensino e pesquisa/extensão. Com um limite máximo dezesseis horas relógio em sala de aula (somado com outras oito horas de atividade de ensino), o plano de trabalho dos docentes do IFPR deve ser ocupado com, no máximo, dezesseis horas relógio de atividades de pesquisa/extensão. Por que isso é importante? Pois são essas horas que permitiram a realização dos projetos ao qual este artigo faz referência.

No ano de 2018 iniciou-se o projeto *Vídeos de animação: estratégias de ensino de Sociologia*. Este projeto tinha como objetivo produzir vídeos do estilo *draw my life* (desenhos em uma folha, acelerados digitalmente e sincronizados com a narração) com conceitos e autores da Sociologia trabalhados no ensino médio, selecionados a partir dos livros didáticos utilizados no IFPR. Alguns critérios foram definidos sobre as características dos vídeos: a) não poderiam ser maiores que 10 minutos, tendo a sua variação ideal entre 5 a 7 minutos; b) não poderiam ser carregados de humor, ou com piadas sobre os autores – um elemento presente em outros vídeos de Sociologia no Youtube; c) deveriam ser acessíveis na linguagem; e d) não poderiam ser desenhos tecnicamente executados, em outras palavras, não esperávamos produzir desenhos “artísticos”. A partir destes pressupostos, chegamos na estética que o canal possui hoje: vídeos

de 6 minutos, com desenhos “comuns” de caderno, no estilo mapa mental, com linguagem direta e sem palavras difíceis.

Figura 1 – Print de tela do vídeo Byung-Chul Han – A sociedade do cansaço produzido pelo projeto Vídeos de Animação e sediado no canal Sociologia Animada do Youtube.



02/10/2019 – acervo pessoal – fonte: produzido pelo próprio autor.

Este projeto contou com a participação de 5 discentes do Ensino Médio Integrado do IFPR, assim, eles compõem o primeiro ano, o terceiro ano e o quarto ano do Ensino Médio. A produção dos vídeos segue a seguinte ordem: a) seleção do autor/conceito do vídeo da semana. Normalmente essa seleção segue a ordem de aparição dos autores no livro didático *Sociologia em Movimento* (2016). Além deste critério, estabelecemos outros em conjunto, como por exemplo, a equipe decidiu que no 1º semestre de 2019 produziríamos vídeos de Sociologia Brasileira e com sociólogos e sociólogas não-europeus e não-norte-americanos; b) escolhido o autor/conceito, o orientador do projeto e, por vezes, algum discentes da equipe, começam a pesquisa sobre qual conceito daquele autor é mais relevante para os debates travados no ensino médio. Para isso, são consultados outros manuais de sociologia, artigos disponíveis na internet, livros que versam sobre o autor, além dos textos do próprio autor selecionado. Feita a pesquisa, o coordenador inicia a redação do roteiro. O roteiro do vídeo deve conter, para 5 a 7 minutos de vídeo, no máximo 4 laudas de texto digitado em fonte arial 12 com espaçamento de 1,5.

Neste padrão o roteiro fica com uma média de 1000 palavras. Com o roteiro pronto, o orientador envia o texto para os discentes, esperando uma avaliação sobre a linguagem, a coerência, a facilidade de compreensão do texto. Aprovado nesta etapa, passamos para a seguinte; c) a gravação dos vídeos é feita com uma câmera Canon t5i, com uma lente de 50mm, acoplada em um pedestal, de modo que a câmera fique na horizontal, com a lente virada para o chão. Em uma mesa, dispomos uma folha de sulfite A3, a prendemos com fita crepe e dispomos canetas, lápis de cor, giz de cera, e quaisquer outros equipamentos de desenho. O que será desenhado no mapa mental é definido pelo discentes responsável por aquele vídeo, portanto, procuramos garantir liberdade criativa ao mesmo. Iniciada a gravação, o orientador do projeto se desloca até uma outra sala para gravar o áudio do vídeo, ou seja, realizar a leitura do texto. Para a gravação do áudio, utilizamos o gravador Zoom H4nPro, entretanto, qualquer celular smartphone consegue gravar com qualidade.

A próxima etapa do processo é d) a edição do material coletado, vídeo e áudio. Para a edição, utilizamos o software Adobe Premiere, e ela é feita em duas etapas: primeiro, limpa-se o vídeo, em seguida, limpa-se o áudio. A terceira parte é sincronizar ambos e inserir uma trilha sonora ao fundo. Por último temos a e) publicação do material nas redes sociais do projeto: Sociologia Animada no Facebook, Instagram e Youtube. Em todas as plataformas elaboramos um texto comentando sobre o autor/conceito do vídeo em questão.

Considerações finais

O canal no Youtube, que consideramos o nosso ponto nevrálgico, está com 13,6 mil inscritos, com mais de 470 mil visualizações em todos os vídeos, contabilizando mais de 1,5 milhões de minutos assistidos. O canal conta com 36 vídeos de autores e conceitos de Sociologia, produzidos seguindo os passos acima descritos.

A produção dos vídeos em conjunto com os discentes fez com que eles desenvolvessem novas relações com o aprender sociológico, mediadas por figuras do aprender que usualmente deixamos fora de uma sala de aula tradicional: a organização da câmera, os materiais utilizados, dos desenhos a serem feitos, dos softwares de edição de vídeo, das redes sociais para divulgação. O contato orientado pela Sociologia em todas essas figuras do aprender, permite ao discente uma nova percepção da Sociologia. Com relação aos vídeos, a maioria dos comentários recebidos no canal são parabenizando a metodologia, a linguagem, os desenhos, a estética, ou

Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 24, 2º sem. 2019, p. 141-150.

seja, acreditamos que conseguimos acertar em um tipo de material didático possível de ser produzido neste transcendente cultural.

O vídeo permite uma conversa em hipertexto, pois aglomera links, outros vídeos, textos, imagens, sons. É um dos instrumentos da nova ecologia cognitiva. É uma das maneiras de ressignificar o processo de ensino e aprendizagem na sociedade em rede.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999

_____; CARDOSO, Gustavo (Orgs.). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política**; Conferência. Belém (Por): Imprensa Nacional, 2005.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CONSOLIM, Marcia. Émile Durkheim e Gabriel Tarde: aspectos teóricos de um debate histórico (1893-1904). **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 53, p. 39-65, jul./dez. Editora UFPR, 2010.

GRANOVETTER, Mark S. The Strength of Weak Ties. **The American Journal of Sociology**, vol. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.

_____. The Strength of Weak Ties: a network theory revisited. **Sociological Theory**, vol. 1, p. 201-233, 1983.

NIELSEN, Rasmus K.; NEWMAN, Nic; FLETCHER, Richard et al. **Reuters Institute Digital News Report 2019**. Reuters Institute for the Study of Journalism, Oxford, Inglaterra. 2019.

KAUFMAN, Dora. A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço. **Galaxia**, São Paulo, n. 23, p. 207-218, jun. 2012.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 2010.

PASTOR, Leonardo. Das mônadas às redes: o resgate de um social associativo para a Sociologia Digital. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v 26.1, p. 266-288, 2019.

SILVA, Afrânio et al. **Sociologia em Movimento**. 2ª Edição. São Paulo: Moderna, 2016.